

PENNY VINCENZI

O JOGO DO ACASO

Tradução de Isabel Alves

Prólogo

Num tempo próximo da actualidade

Aconteceu pouco antes das quatro horas da tarde, após um breve aguaceiro acompanhado de trovoadas. A M4 estava congestionada em ambos os sentidos com o tráfego de sexta-feira, um tráfego suficientemente intenso para manter os automóveis na faixa da esquerda dentro do limite de velocidade, suficientemente fluido para permitir o andamento nas três faixas. Pelas câmaras de videovigilância, tudo parecia em ordem e sob controlo.

A um minuto das quatro, um camião que circulava para leste guinou inesperadamente e acelerou contra o separador central, atravessando-o com violência, antes de rodar sobre si mesmo, o atrelado respectivo contorcendo-se e empinando ligeiramente antes de capotar, derrapando pela estrada diante do trânsito que circulava em sentido contrário e parando por fim antes da berma. Então as portas, o tejadilho e as partes laterais abriram-se violentamente, despejando a sua carga de congeladores, frigoríficos, máquinas de lavar, máquinas de secar, alguns arremessados pelo ar com a força do impacto, outros resvalando e espalhando-se pela auto-estrada, uma enorme vaga de destroços mortíferos que foram atingir carros e camionetas na sua trajectória.

Um miniautocarro que circulava para oeste pela faixa de ultrapassagem enfaixou-se no chassis do camião; um *Golf GTI*, imediatamente atrás, guinou para o lado e foi embater contra uma das rodas do camião. Em pouco tempo formou-se uma imensa e inexorável barragem de veículos a travar e a guinar, a derrapar.

Do lado este da estrada, os carros atrás do caminhão chocaram contra ele e uns contra os outros; um bateu contra o separador central com tal violência que ficou encastrado nele, e os veículos seguintes, cerca de doze, com uma vantagem de dois ou três segundos de aviso, derraparam e embateram uns contra os outros em série, mas sem grandes danos, como carrinhos de choque numa feira de diversões.

Os congeladores e frigoríficos continuaram a sua viagem com força brutal; um automóvel que colidiu contra eles de frente fez uma rotação de cento e oitenta graus e foi atingido por uma motorizada em sentido contrário; outro voou para o lado e chocou contra o separador central.

Num e noutro sentido da estrada tudo se imobilizou e um estranho semi-silêncio abateu-se sobre a estrada, os motores pararam, as buzinas calaram-se, mas foram substituídos por outros sons horríveis, de gritos humanos e latidos de cães, e no meio de tudo isto o ruído incongruente de música dos rádios dos automóveis.

E, em seguida, de uma centena de telemóveis, nas mãos capazes de segurar neles, a Polícia e os serviços de socorro foram chamados e feitos telefonemas para casa. E, durante esse processo, o caos estendeu os seus grandes tentáculos até muito longe na estrada, em ambas as direcções, impedindo centenas de pessoas de lhes escapar.

No espaço de trinta ou quarenta segundos, o acaso, essa força totalmente irresistível, havia-se apoderado caprichosamente do momento e do lugar. Destruíra o presente, distorcera o futuro, substituíra a ordem pelo caos, a confiança pelo medo e o controlo pela impotência. Para alguns, a vida tinha acabado, para outros tinha mudado para sempre; e um poderosíssimo jogo de consequências foi posto em marcha.

Primeira Parte

ANTES

Capítulo 1

Laura Gilliatt dizia muitas vezes – enquanto pegava no pedaço de madeira mais à mão – que a sua vida era simplesmente boa de mais para ser verdade. E, de facto, o observador casual, mesmo um mais perspicaz, teria tido dificuldade em não concordar com ela. Era casada com um homem que adorava, Jonathan Gilliatt, o célebre ginecologista e obstetra, e tinha três filhos extremamente atraentes e encantadores, possuía uma carreira própria como decoradora de interiores, suficientemente exigente para poupá-la ao possível tédio, mas não tanto que não pudesse pô-la de lado quando necessário, devido a alguma crise doméstica, grande ou pequena, como a necessidade de comparecer a um jantar importante com o marido ou à peça de Natal de um dos filhos.

A família possuía duas belas casas, uma no Tamisa em Chiswick, e uma segunda na Dordonha; tinham também um *time-share* num chalé de esqui em Méribel. Jonathan ganhava muito dinheiro com o seu consultório privado em St. Anne's, um hospital extremamente caro, próximo de Harley Street, mas era também um especialista bastante respeitado do Serviço Nacional de Saúde, dirigindo o Serviço de Obstetrícia de St. Andrews, Bayswater; opunha-se veementemente à tendência actual para as cesarianas electivas; na sua opinião, eram um resultado directo da cultura de compensação. Os bebés deviam ser suavemente empurrados para o mundo pelas mães, dizia ele, e não arrancados à protecção do seu útero. Inevitavelmente, era alvo de abundantes críticas nas camadas mais feministas da comunicação social.

O observador perspicaz teria também notado que ele estava profundamente apaixonado pela mulher, ao mesmo tempo que gozava da adoração das suas doentes; e que o filho, Charlie, e as filhas, Daisy e Lily – as suas duas florzinhas, como lhes chamava –, o consideravam absolutamente maravilhoso.

Possuía na mulher um perfeito tesouro, como dizia com frequência não só a ela, mas ao mundo em geral; porque, além de ser bela, Laura era uma pessoa bem-disposta e doce de temperamento; na verdade, o mesmo observador, estudando-a absorvida na sua rotina diária, teria tido dificuldade em surpreendê-la num estado de espírito pior do que uma leve irritação ou mesmo a levantar a voz. Se tal acontecesse, seria certamente em resposta a uma desobediência de um dos filhos: se fosse Charlie, que tinha onze anos, quando se escapulia para a casa de banho com o Nintendo, depois de ter esgotado a sua quota diária de uma hora, se fosse Lily ou Daisy, que tinham nove e sete anos, quando convenciam a *au pair* de que a mãe as tinha deixado ver o *High School Musical* pela enésima vez e muito depois da hora de deitar.

Os Gilliatt estavam casados havia treze anos. – Anos felizes, muito felizes – disse Jonathan, oferecendo a Laura um anel da Tiffany, na manhã do aniversário do casal. – Eu sei que não é um aniversário especial, querida, mas tu mereces e é dado com todo o meu amor.

Laura ficou tão emocionada que rompeu em lágrimas e depois sorriu, olhando para o adorável objecto no dedo; mais tarde, depois de consultar o relógio sobre a lareira do quarto, decidiu que devia exprimir a sua gratidão a Jonathan, não apenas pelo anel mas pelos treze anos de felicidade, de um modo muito prático, que teve como resultado ter-se atrasado seriamente na ronda escolar e os três filhos correrem o risco de chegar atrasados às aulas.

Laura tinha dezanove anos e ainda era virgem quando conheceu Jonathan. – Provavelmente a última em Londres – disse ela. Não se devia a nenhuma rectidão moral em particular, mas ao facto de, até o conhecer, nunca se ter sentido suficientemente atraída por nenhum homem para querer ir para a cama com ele. A atracção por Jonathan era grande e considerou a experiência «absolutamente maravilhosa», como lhe confessou. Casaram-se um ano mais tarde.

– Espero bem vir a ser uma Mrs. Gilliatt competente, é uma carreira importante – disse ela, um pouco ansiosa, alguns dias antes do casamento.

– Hás-de ser – respondeu ele. – Tens o perfil ideal. E vais adaptar-te lindamente ao papel.

E realmente adaptara-se, levando muito a sério os seus deveres; adorava cozinhar e receber, e tinha descoberto um certo talento para a decoração de interiores. Estavam casados havia um ano e tinham acabado de decorar a sua própria casa, a contento de ambos, quando perguntou a Jonathan se se importava que tirasse um curso e fizesse alguns trabalhos, se a oportunidade se apresentasse.

– Claro que não, querida, é uma ótima ideia. Desde que não me ponhas em segundo lugar em relação a clientes difíceis.

Laura prometeu-lhe que não; e nunca tinha posto. Nem os filhos, quando chegaram em intervalos perfeitos de dois anos; durante muito tempo, até Daisy entrar para a escola, dedicou-se exclusivamente a eles e era feliz. Teve de se esforçar bastante para assegurar a Jonathan que ele continuava a estar em primeiro lugar na sua vida e ficou um pouco surpreendida com a sua impaciência e quase ciúme, causados pelas exigências dos filhos. A mãe tinha razão, reflectiu: no fundo, todos os homens eram crianças. Assim, durante os primeiros anos, contratou uma ama a tempo inteiro, porque as exigências da vida profissional de Jonathan eram consideráveis e queria estar completamente disponível para lhes corresponder.

No entanto, quando Daisy entrou para a escola, começou a fazer algumas experiências de trabalho. Possuía um talento particular para a cor, para usar o inesperado, e começava a ganhar uma certa reputação. Mas continuava a não passar de um passatempo gratificante, pouco diferindo do que já fazia nos seus tempos livres: que, por sinal, não eram muitos.

Mas era assim que Jonathan gostava; e, assim sendo, ela gostava também.

* * *

Nesse ano, a Primavera tinha sido particularmente encantadora; chegou cedo e acabou tarde, dias perfeitos de verde e dourado, de tal

modo que, em Abril, e durante os fins-de-semana Laura tinha começado a pôr a mesa para o almoço ao ar livre, e, com o avançar de Maio, ela e Jonathan jantavam igualmente lá fora, contemplando o crepúsculo cair suavemente sobre o jardim e ouvindo os sons do rio em segundo plano, os apitos dos rebocadores, os barcos de recreio em festa, os gritos roucos das gaivotas.

– Temos imensa sorte – comentara ela, talvez uma centena de vezes, sorrindo a Jonathan do outro lado da mesa, e ele erguia o copo pegava-lhe na mão e dizia que a amava.

* * *

Mas agora era pleno Verão e a chuva tinha chegado: dia após dia, a cair inexorável de céus escuros e cinzentos. Os churrascos e as festas ao ar livre tiveram de ser canceladas, os vestidos leves de Verão arrumados, as lojas lançando os chamados saldos de fim de estação, e começou uma corrida aos voos para Maiorca e Ibiza, para longos fins-de-semana ao sol.

Os Gilliatt não entraram nessa corrida; Laura estava a fazer as malas, como todos os anos, para a sua peregrinação à casa rural de pedra dourada na Dordonha, onde o sol brilhava incessantemente, aquecendo a água na piscina, amadurecendo as uvas na latada e amornando as pedras do terraço para os lagartos dormirem a sesta à tarde, juntamente com os donos.

– E ainda bem – constatou ela. – A pobre Serena está cheia de medo das férias, tantas semanas, meses, aliás, a manter os rapazes divertidos...

Jonathan disse, num tom ligeiramente seco, que tinha pensado que os Edwards iriam para um hotel de dez estrelas em Nice, para não falar da semana que passariam com os Gilliatt a caminho de lá; Laura respondeu que sim, era verdade, mas mesmo assim seriam pouco mais de três semanas, o que ainda deixava seis ou sete em Londres.

Jonathan replicou que a maioria dos seus doentes do SNS não consideraria isso um contratempo de maior, dadas as três semanas e meia de sol glorioso; não gostava tanto de Mark e Serena Edwards como Laura. Mark era consultor de relações públicas numa grande empresa da City, demasiado untuoso e encantador, mas Serena era a melhor

amiga de Laura e, na opinião de Jonathan, fazia da mulher o repositório de confidências e segredos a mais.

Jonathan não podia, claro, passar nove semanas na Dordonha; tirava o máximo que podia do seu tempo de férias anual e, durante o resto da estadia, ia de avião para Toulouse à sexta-feira à tarde, regressando à segunda.

E, assim, enquanto lia notícias sobre o que parecia ser chuva quase ininterrupta em Inglaterra e ouvia as amigas a queixar-se do tempo e dizer-lhe que era uma felizarda por não estar lá, Laura saboreava os longos dias de sol mais do que habitualmente e, ainda mais do que habitualmente, recordava as muitas razões que tinha para ser feliz.